

dileção direção

(ou afetos transpostos)

Jogo da Memória



Fundação
Cultural BADESC

Jogo da Memória



Fundação
Cultural BADESC

O Educativo da Fundação Cultural BADESC desenvolve ações educativas para cada exposição de artes, para a exposição **Dileção e Direção ou afetos transpostos**, Denilson Antonio, arte educador do espaço desenvolveu em parceria com o designer Rafa Westphal, um jogo da memória, uma forma lúdica que busca aproximar crianças da poética do artista em torno de sua exposição.

Primeiro imprimir e recortar as cartas previamente. Podemos usar papel de gramatura 250gr, ou imprimir e colar sobre cartão ou cartolina para ficar mais firme.

O jogo pode ser jogado de forma individual, em duplas ou em times.

Embaralhe as cartas. Em seguida, coloque-as com o verso para cima, sobre a mesa, para que nenhum dos jogadores possa identificá-las.

Uma vez feito isso, o primeiro jogador vira duas cartas à sua escolha.

Se as cartas forem idênticas, o jogador retira-as e guarda-as, jogando novamente. Observar se a imagem e a cor de cada carta são correspondentes.

Se as cartas não forem idênticas, o jogador vira-as novamente com a face para baixo.

Segue-se a vez do próximo jogador.

O jogo termina quando todos os pares forem encontrados.



Dicas: Explore as possibilidades do jogo para incentivar a reflexão.

Explorar o uso da memória e a concentração, não dar ênfase a competitividade e sim ao que prestou mais atenção e conseguiu usar melhor a memória, resultando no maior número de cartas. A ideia é estimular o uso da memória e não a busca para que acertou mais.



dileção direção

(ou afetos transpostos)

Jan M.O.
curadoria de Juliana Crispe

A exposição Dileção-Direção (ou Afetos transpostos) de Jan M.O. propõe pensar relações entre lembrança e acontecimento que partem do tempo do vivido para ganharem novas dimensões na Arte. Memórias e Afecções pessoais ou de outras pessoas são forças motriz para a produção do artista, que se dão em obras de linguagens múltiplas, entre gravuras, desenhos, instalações e objetos. A memória aqui está não só como relato, mas como ficção, que deslocada projeta-se para possíveis contágios dos espectadores, nas relações entre memória do artista e a das suscitadas e provocadas no público. Morte, perda, renascimento, lembrança-esquecimento, reinvenção; são dobras que operam nesta exposição.

As palavras Dileção = afeição e estima consciente, e direção = ato ou efeito de dirigir ou apontar, intitolam esta exposição como os caminhos possíveis e transportados de vivências e sentimentos desdobrados no tempo presente.

Como em Palimpsestos, que em sua origem, dá-se através de pergaminho ou papiro cujo texto inicial é eliminado para permitir a reutilização para composição de outros textos, criando assim fantasmas temporais que se contaminam; as obras de Jan realizam esse processo de raspagens e acúmulos, formando pelas lembranças, camadas possíveis nas relações temporais produzidas pelos acontecimentos.

Diante desses acontecimentos, que pode ser pensado conceitualmente pela via do filósofo francês Gilles Deleuze as obras são como vapor que sai dos estados das coisas, não se confundindo com elas, mas se transportando por outros modos. O acontecimento não é da ordem do tempo classificável, o tempo cujos instantes se sucedem, mas da ordem do devir, o qual pertence ao tempo da imanência.

Perante estes movimentos dos tempos que se sobrepõem, no que se instala nesse entretempo, o que Jan faz é coexistir o tempo para além da definição ordinária que temos dele, prolongando em novos modos de ser e o reinventando em seu processo criativo.

O que o senso comum pensa sobre o tempo e a memória efetivasse em um segmento linear, de um sujeito que no presente rememora o passado e deseja algo para o futuro. Essa temporalidade linear em que esses três movimentos (passado-presente-futuro) são aparentemente descontínuos e estáticos entre eles é também o que Deleuze propõe abalar a partir das leituras que faz do também filósofo francês Henri Bergson. Deleuze como Bergson compreende o tempo como não linear, ao invés de uma linha de tempo, tem-se um emaranhado de tempo que se cruzam, se fissuram, criam novas camadas do vivido, um labirinto de múltiplos caminhos; tempos que se perfuram e se retomam como outro no agora. Um sempre outro...

Juliana Crispe - curadora

Sobre a exposição

Dileção-Direção (ou Afetos transpostos) propõe a exibição de três séries do artista Jan M.O. iniciadas a partir de 2016 e que se estendem em atual estágio de execução, dos quais aspectos referentes a memória e o afeto provenientes do artista ou através da catalogação de terceiros são materializados. As palavras Dileção = afeição e estima consciente, e direção = ato ou efeito de dirigir ou apontar, intitulam esta exposição como os caminhos possíveis e transportados de um sentimento. Nestas três séries serão abordadas entre gravuras, desenhos e objetos a memória como relato e também como memória-ficção, deslocada ou projetada. Sobre estas projeções traz-se as questões de perda, morte, renascimento, esquecimento e invenção como força-motriz para o fazer artístico deste projeto. A exposição, de classificação livre, aborda as relações de trocas e afetividades, do se colocar no lugar do outro, do entrecruzamento entre histórias e linhas do tempo, trazendo a arte como ferramenta do ouvir, do falar, do entender, do curar e do prosseguir no seio familiar e social. Como poderá ser lido nas próximas linhas, os trabalhos apresentados que, em primeiro momento abordam o posicionamento do artista na compreensão de seus parente, em seguida, transforma-se no relato de outros em suas próprias reflexões. Deste modo, Dileção-Direção (ou Afetos transpostos) traz os seguintes trabalhos:

Série Ficam os anéis

"Lembro a primeira vez que ouvi a frase "vão-se os anéis, ficam os dedos". E das lembranças junto aos anéis com as iniciais de cada um dos meus avôs que já partiram seus dedos e mãos aqui já não habitam, mas deles ficam os anéis" (Jan M.O.).

O quadro traz relação entre dois anéis pertencentes a seus avôs paternos e um de uso do próprio artista com a conhecida frase "Vão-se os anéis, ficam os dedos". Ao inverter a ordem desta frase restando apenas "ficam os anéis", Jan faz perder o sentido inicial de conforto desta sentença por saber que na presença deste objeto material a carne, o ser e o corpo de seu portador por ali passaram, como um dia ele também ira passar, sobrando a sua joia. Neste quadro se inicia uma ideia de catalogação e arquivamento, desenhando estas joias de maneira representativa e abaixo delas seladas com lacres negros marcados pelos volumes de cada joia, confirmando, em uma alusão ao selo real e documental, a oficialidade do objeto e de seu registro de passagem. No decorrer em que o quadro era visto por um público que trazia ao artista seus próprios relatos de vivência similares, a obra, então única, transforma-se em uma série, onde agora Jan se desloca do papel de narrador de uma recordação pessoal e passa a transcrever as memórias de outros, estabelecendo uma espécie de contrato de confidencialidade e acordo de partilha da memória para com esses contribuidores, resultando nos desenhos presentes nesta exposição, além de suas respectivas cópias entregues a eles.

De A a C

Neste próximo trabalho e no seguinte "Tudo o que precisa" Jan investiga o entrecruzamento de dois trabalhos que tem como pontos de partida seu nascimento, em 29 de maio de 1986, e o acidente vascular circulatório AVC ocorrido com sua mãe em 2016.

"Passado os momentos iniciais deste acidente que não deixou grandes sequelas e já retornando a uma rotina de normalidade, certo dia minha mãe me telefona para contar triunfante o feito de ter ido à rua sozinha pela primeira depois do seu AVC. Ao ouvir o relato orgulhoso dela automaticamente recordei da minha primeira ida ao colégio sem a presença de meus pais e de vivenciar praticamente a mesma euforia de independência quando menino que agora, quase trinta anos depois, é narrada por ela do outro lado da linha" (Jan M.O.).

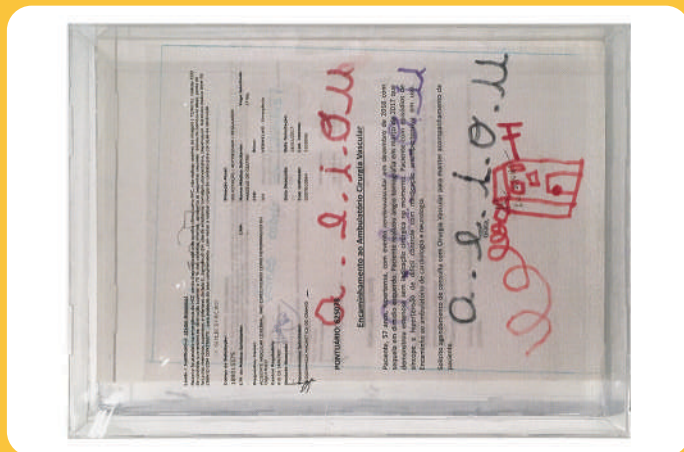
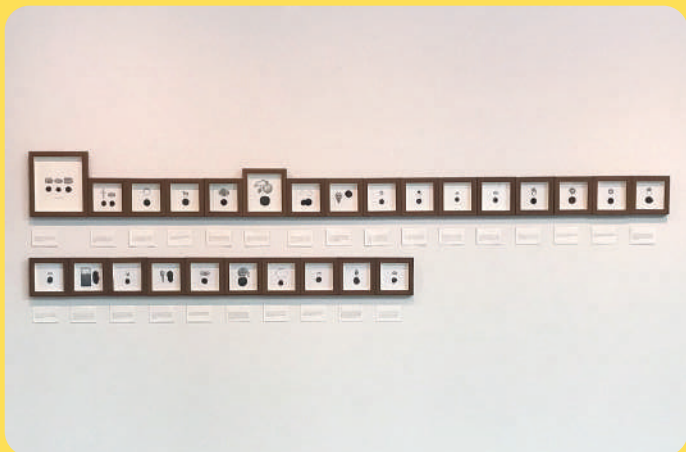
Em **De A a C**, Jan apresenta caixas/arquivos de acrílico, transparentes, presas à parede. Nelas são adesivadas em superfícies transparentes na parte frontal os primeiros exames realizados pela sua mãe após o AVC, dentro dessas caixas/arquivos o artista insere os seus primeiros trabalhos escolares e exercícios das primeiras escritas produzidas por ele. Desta forma busca fazer um paralelo de seus primeiros traçados de alfabetização e auto identificação pela escrita de seu nome, avaliados e pontuados pelos seus professores, junto aos exames de sua mãe também avaliados e pontuados pelos médicos e assinados por eles, dando assim a confirmação de estabilidade dela. As caixas se apropriam dos moldes que os hospitais utilizam espaço destinado aos enfermeiros e médicos para colocação dos prontuários dos pacientes, como também provoca apensar nas "capsulas do tempo", iguais às que eram enterradas para anos mais tarde serem reabertas para comparar o conteúdo de seu interior aos tempos atuais. Nestas suas caixas são "encapsulados" estes dois momentos pontuais (início de sua vida em 1986 e recomeço da vida de sua mãe em 2016) que na transparência do acrílico pairam e flutuam no tempo criando possíveis palimpsestos (espécie de pergaminho ou papiro cujo texto foi apagado para permitir a sua reutilização), onde à leitura de um documento, como o laudo médico, se mescla visualmente a imagem do segundo documento de sua tarefa escolar. O nome desta obra faz uma referência aos títulos popularmente dados as coleções que alegam ter conhecimento sobre determinado assunto de seu começo ao seu fim geralmente descritas "de A a Z" (exe.: A História do Mundo de A a Z). Nesta obra Jan modifica este termo para de A a C onde aponta o "A" como o meu início de sua alfabetização representado pelos trabalhos escolares e o C como o AVC de sua mãe, descrevendo assim os pontos do segmento possíveis deste trabalho, que cria possíveis rizomas e devires entre esses dois pontos.

Tudo o que precisa..., obra que parte de um pequeno caderno preenchido pela mãe do artista antes mesmo de seus primeiros dias de vida e que se estende ao tempo dos seus cuidados sendo ele um bebê prematuro, nascido com apenas seis meses e meio. Nele há todos os cuidados necessários elegidos por sua mãe; telefone de pediatras, remédios, alergias, lista de chá de bebê, entre outras anotações. Na capa do caderno, com a caligrafia da mãe, há o título que conduz o trabalho "Tudo que precisa do Jan". Sendo assim o artista propõe exibir este caderno junto a serigrafias que reproduzem esta capa em seu tamanho original, retirando o nome Jan e ficando aberto para que o espectador também possa se sentir convidado a pensar no que ele "precisa" e, inclusive, possa levar consigo estas serigrafias.

Ilhas Levadiças

Já a terceira e última série a ser apresentada se denomina Ilhas levadiças e apresenta dez gravuras produzidas por Jan M.O. na técnica de ponta-seca e matriz de acetato sobre papel. Nesta série, o artista flagra a rotina pessoal da avó paterna no tempo em que residia com ela e as formas peculiares com que ela organiza seus objetos pessoais em resposta aos primeiros sintomas da doença de Alzheimer. Jan capta e reproduz as imagens desses pequenos nichos, ou ilhas, de seleções e utensílios do universo particular de sua avó, do qual seus conceitos de valores, asseio, vaidade, recordação, proteção, afeto e permanência se transformam perante aos seus ritos categoricamente refeitos dia após dias.

"Como a gravura resulta de um processo cuidadoso e repetitivo para a produção de uma fidelidade seriada de imagens, replico assim o universo diário de minha avó, que estampa séries interrompidas de uma mesma e contínua rotina" (Jan M.O.).





Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC



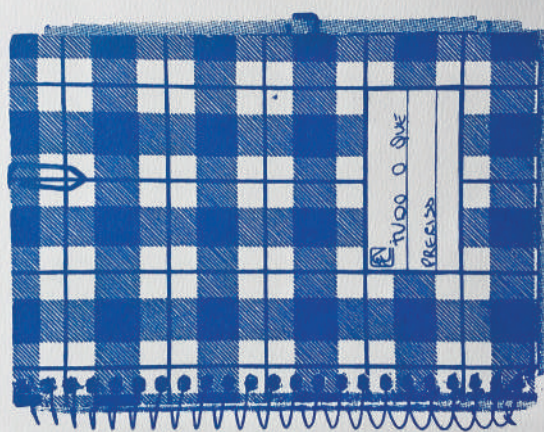
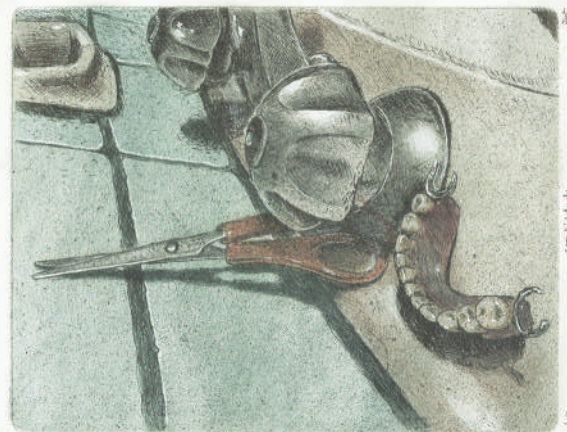
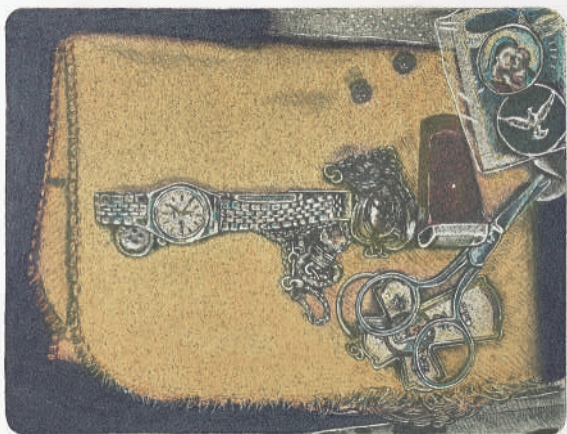
Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC





Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC



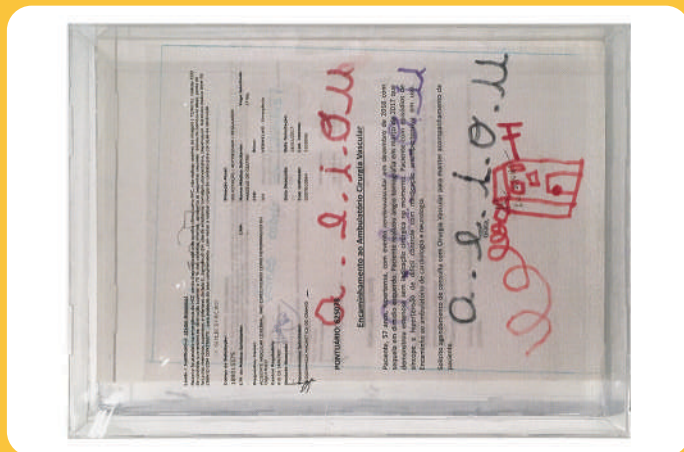
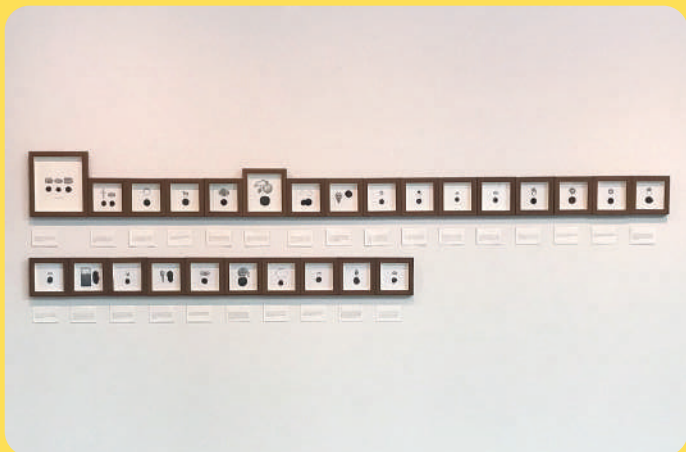
Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC





Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC



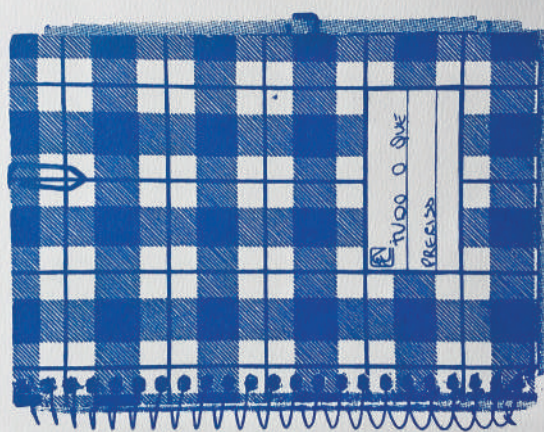
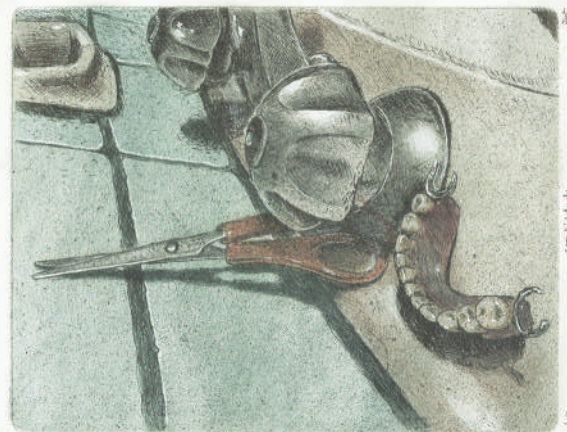
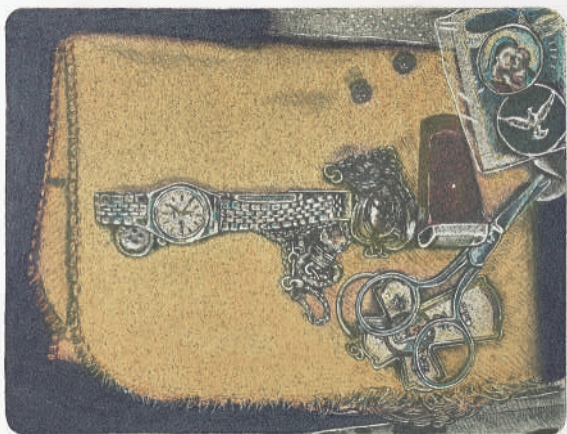
Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC





Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC



Fundação

Cultural BADESC



Fundação
Cultural BADESC

R. Visc. de Ouro Preto, 216 - Centro,
Florianópolis | SC, 88020-040

+55 (48) 3224-8846
fundacaoculturalbadesc.com
Instagram: @fundacaobadesc
Facebook: fundacao.badesc